



ID: 120269404

24-11-2025

Uma data difícil de comemorar I

Opinião



Filipa Raimundo e David Castaño

Como é comum nestes casos, os “vencedores” do 25 de Novembro (25N) partilhavam o desejo de travar a dinâmica revolucionária que ameaçava a legitimidade eleitoral-democrática alcançada nas eleições de 1975, mas tinham ideias distintas sobre os passos seguintes. Acresce que, ao contrário do 25 de Abril (25A), no 25N os militares dos dois lados em confronto contavam com o apoio e o envolvimento de civis, que para esse efeito se encontravam armados.

É precisamente a heterogeneidade dos vencedores – que reunia forças partidárias do centro-esquerda à direita, lideradas pelo PS de Mário Soares, e diferentes sensibilidades militares – que ajuda a explicar a ausência de consenso em torno de um acontecimento que, paradoxalmente, foi em si mesmo um consenso. Um acordo informal que garantiu a não ostracização do PCP e a irreversibilidade de algumas medidas do processo revolucionário, como as nacionalizações; que consagrou uma tutela militar que asseguraria não apenas a transição para a democracia, mas também para o socialismo; e que, ao mesmo tempo, rejeitou modelos alternativos de poder popular, ancorando o país no bloco Ocidental.

Ciente desta realidade, Ramalho Eanes, o principal responsável pelas operações militares do 25N, só aceitou ser candidato à Presidência da República depois de garantir que acumularia o cargo com a chefia das Forças Armadas. A sua prioridade era reconstruir uma instituição profundamente abalada pelo processo revolucionário e afastar os militares da vida política. Para isso, era necessário tirar a política dos quartéis. Ao contrário de alguns que estiveram ao seu lado no 25N, percebeu os riscos de conciliar a transição para a democracia com a transição para o socialismo. Defendeu, por isso, que os militares se limitassem a assegurar a primeira e a prepararem uma tranquila subordinação ao poder civil democrático.

Foi isso que levou Eanes a promover cerimónias evocativas do 1.º aniversário do 25N que

fomentassem uma análise crítica sobre o papel dos militares no processo revolucionário. Assim, em 1976, antes mesmo das primeiras comemorações oficiais do 25A, realizaram-se cerimónias em todas as regiões militares do Continente e nas regiões autónomas. Apesar da sua génese militar, contaram com o apoio das autoridades civis e foram abertas ao público.

Em Lisboa, juntaram-se às chefias militares o Presidente da República, o presidente da Assembleia da República, o primeiro-ministro, o presidente do Supremo Tribunal de Justiça, deputados, membros do governo, representantes dos partidos,

conselheiros da Revolução, elementos da Comissão Constitucional e do corpo diplomático. A comunicação social cobriu os eventos, conferindo-lhes o impacto político e mediático pretendido. A partir de 1977, tornaram-se itinerantes, mantendo o modelo estabelecido em 1976: presença das chefias militares e das mais altas figuras do Estado; parada; revista às tropas; desfile militar; leitura de um discurso de Eanes, na sua dupla qualidade de Presidente da República e de Chefe de Estado Maior General das Forças Armadas (CEMGFA).

Eanes era a figura central deste cerimonial pensado para projetar a unidade dos vencedores do 25N.

Mas as divisões surgiram cedo: por um lado, os partidos que tinham apoiado a sua candidatura afastaram-se quando, em 1978, Eanes promoveu a formação de governos presidenciais, por outro lado, vários militares que tinham feito o 25N, mas que continuavam empenhados em assegurar a transição para o socialismo, criticavam, pela esquerda, o rumo seguido.

Em 1979, esse sector aproximou-se dos vencidos do 25N. Prometeram “continuar Abril” e reavivar o Movimento das Forças Armadas (MFA), denunciaram perseguições no interior das Forças Armadas a homens que tinham feito o 25A, apelaram ao

cumprimento da Constituição e defenderam que o 25A era a “única data histórica, digna de ser comemorada como tal”. Reagindo com espanto ao que designou ser uma “confusão”, Eanes lembrou os tempos “de guerrilha e ódio, de perseguições e sevícias, de intimidação e golpes, de denúncia e prisões sem mandato, de cerco à Assembleia Constituinte”, e proclamou ser necessário recordar que só com o 25N tinha sido possível reasumir-se “o ideal originário do 25 de Abril”. O bloco civil-militar que saíra vencedor do 25N esboroava-se.

A campanha presidencial de 1980 aprofundou a rutura entre os vencedores. A recandidatura de Eanes contou apenas com o atribulado apoio do PS, a que se juntaria mais tarde o PCP. PSD e CDS apoiaram a candidatura do general Soares Carneiro, que foi descrito por Jaime Neves, comandante do Regimento Comandos, uma das unidades mais ativas no 25N, como “o inspirador do 25N”. O combate pela memória e pela afirmação de narrativas adquiria uma nova dimensão. A partir deste momento, os sectores civis e militares mais conservadores ensaiaram uma apropriação do 25N, criticando, pela direita, a evolução política do país.

Eanes foi reeleito e, cumprindo o acordo com os socialistas, deixou a chefia das Forças Armadas. A partir daí, as cerimónias continuaram a ser presididas pelo Presidente da República, mas os discursos passaram a ser proferidos pelo CEMGFA. Com a primeira revisão constitucional, que extinguiu o Conselho da Revolução, e a aprovação da lei de Defesa Nacional, consumou-se a subordinação do poder militar ao poder civil e as cerimónias do 25N perderam parte do seu sentido inicial, mas Mário Soares, o primeiro Presidente civil, manteve-as. Em 1989, por proposta do Governo de Cavaco Silva, as Forças Armadas passaram a ser chefiadas por Soares Carneiro. Em 1990, já não se realizaram.

A decisão de pôr termo às comemorações não significa que se tivesse chegado a um consenso entre os vencedores do 25N. Pelo contrário, era mais um passo numa luta pela memória, que prosseguiria nas décadas seguintes.

**Professora no Iscte – IUL;
Investigador do Instituto
Português de Relações
Internacionais – UNL**



FOTOGRAFIAS: LUIS VASCONCELOS

“
Eanes era a figura central deste cerimonial pensado para projetar a unidade dos vencedores do 25 de Novembro

